

Trilhas para a Intersexofobia

Trails to Intersexophobia

*Amiel Modesto Vieira*¹

RESUMO: Neste texto pretendo trilhar o caminho pelo qual a intersexofobia se manifesta em certos âmbitos da sociedade. Utilizamos aqui o método autoetnográfico, além do uso de várias referências bibliográficas no sentido de apoio ao texto autoetnográfico. Com um enfoque para ampliar as experiências vividas e trazer a teoria de gênero, educação e sexualidade tornando-a pilar e suporte para o texto.

PALAVRAS-CHAVE: Intersexofobia. Autoetnografia. Mutilação Genital. Intersexo.

ABSTRACT: In this text, I intend to follow the path through which intersexophobia manifests itself in certain spheres of society. We used the autoethnographic method here, in addition to the use of several bibliographical references in order to support the autoethnographic text. With a focus to broaden the lived experiences and bring the theory of gender, education and sexuality, making it a pillar and support for the text.

KEYWORDS: Intersexophobia. Autoethnography. Intersex Genital. Mutilation.

* * *

Introdução

Desde 2019, a homofobia e a transfobia passaram a ser crimes análogos ao crime de racismo definido em 1989 (STF, 2019). Infelizmente a intersexofobia ainda não está nesse patamar. Apesar disso, nosso objetivo aqui é apresentar de forma sucinta algumas de suas manifestações e refletirmos a respeito. Neste texto de forma mais geral, pergunta-se: De que maneiras intersexofobia se mostra? Esta fobia ocorra de maneira escancarada ou sutil?

¹ Doutorando no programa muti-institucional de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva. E-mail: amielmodesto@gmail.com.

Segundo o site *Intersex equality*, o ativista intersexo e transexual, o professor estadunidense Cary Gabriel Costello cunhou primeiramente o termo interfobia, atualmente, porém utilizaremos o termo intersexofobia como forma de demarcar que esse medo tem alvo corpos específicos. Para Costello (2010) a intersexofobia se caracteriza pela “promoção de sentimentos negativos e atitudes expressos diante de pessoas que acredita-se conterem traços de intersexualidade no nascimento ou por apresentar uma expressão corporal que não demonstre estar dentro do que se entende por masculino e feminino”² (Tradução nossa, 2010).

A expressão mais nítida da visão de Costello (2010) se manifesta continuamente através da Mutilação Genital Intersexo (MGI). Isto acontece quando um corpo é intersexualizado³ pela sociedade e pelo poder médico por não ter os genitais ou uretra como esperado para o que se entende como masculino ou feminino. Estes corpos são mutilados e operados com anuência ou não de seus responsáveis legais para que essas partes corporais estejam mais próximas daquilo que a sociedade anseia. Além disso, outra manifestação dessa fobia pode ocorrer quando os níveis hormonais dessas pessoas não estão dentro dos padrões aguardados durante ou após a época da puberdade, nesse momento ocorre então a hormonização induzida desses corpos para “maquiá-los”, desaparecendo assim com qualquer traço que gere uma desconfiança social.

Outrossim existem os testes de feminilidade que ocorrem para atletas olímpicas do sexo feminino desde 1936⁴. O caso mais emblemático é o da

² <https://www.intersexequality.com/what-is-interphobia/> Acessado em:15/06/2021

³ Nota do autor: Aqui entende-se por intersexualizar um corpo, o olhar social que de certa forma trata-se por diferenciar esse corpo como estranho ao que se entende por masculino e feminino feito pela sociedade e patologizar este corpo como intersexo e anômalo feito exclusivamente pela medicina.

⁴ Ver PIRES, Barbara Gomes. Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, 2021.

velocista Sul-Africana Caster Semenya ⁵ que luta pelo direito ao reconhecimento de sua feminilidade, negada por estar fora dos limites destes testes e, por causa disso, foram-lhe aplicadas penas na federação internacional de atletismo e nas olimpíadas. Este caso segue na justiça comum para recuperar os direitos e os prêmios que são seus. (GOMES, 2020).

Desde a década de 1990, o movimento intersexo internacional tem encampado a luta contra as manifestações de intersexofobia como a MGI e pelo que se pode observar esta será uma luta árdua por direitos e pelo fim de práticas similares a na busca de momentos em que enfim aconteça um amanhecer intersexo e permita enfim unicamente viver em vez de lutar e sobreviver (VIEIRA, 2020). Em nosso país, este movimento é recente, nascendo das redes sociais para a institucionalização formal e ainda se depara com o início de uma luta que requer coragem e resiliência intersexo (VIEIRA et al, 2021).

O I de Intersexo começou a ganhar certa visibilidade midiática para o movimento, passando a ser visto e ouvido em palestras, eventos e marchas no eixo Rio-São Paulo, além de ser estampada em faixas uma nova sigla: LGBTI+⁶. Desde o governo Temer não temos uma nova conferência nacional LGBT e por enquanto ainda não temos isso no horizonte.

O que se pode dizer, entretanto, é que apesar da multiplicação dessa nova sigla, se percebe que ainda falta representatividade e reconhecimento real da letra I. Uma resposta a essa falta de nossa presença real, seria por ainda este movimento ser pequeno em número ou por ter uma única organização intersexo legalizada no momento no Brasil, além do fato de se verificar uma maior presença dela em São Paulo do que em outros Estados da federação.

⁵ Ver em <https://oglobo.globo.com/celina/noticia/2021/07/toquio-2020-drama-das-atletas-intersexo-proibidas-de-disputar-os-800m-no-atletismo-25122783.ghtml>.

⁶ Nota do Autor: No momento essa sigla continua não-oficial até que seja aprovada por uma nova conferência nacional LGBT. Ver Facchini; França, 2009.

Afinal, o que este artigo objetiva? Trilhar o caminho pelo qual a intersexofobia se manifesta em certos âmbitos da sociedade. Utilizamos aqui o método autoetnográfico, além do uso de várias referências bibliográficas no sentido de ir servir como apoio ao texto autoetnográfico. Com um enfoque para ampliar as experiências vividas e trazer a teoria de gênero, educação e sexualidade tornando-a pilar e suporte para o texto.

Este processo ocorre numa sociedade patriarcal, heterocentrada, cisgênera e endosexo. Os elementos que formam esta fobia também se misturam a LGBTIfobia num sumo de aversão ao diferente (BRAH,2006), sejam eles com corpos diferentes ao esperado no nascimento, na puberdade ou vida adulta, nas relações afetivas não-heterossexuais além de identidades de gênero não-cisgêneras. Portanto, espera-se aqui pontuar questões importantes e formativas desta trajetória que se apresenta das mais diversas formas.

As Trilhas começam

Torna-se impossível esquecer de teóricos como Foucault e Butler ao pensar nas questões de gênero e sexualidade. Sua obra ampla enfoca também a sociedade, o poder, o discurso, e seus papéis relevantes no tocante a estas questões. A filósofa estadunidense aponta para o que nos leva a ser lidos como humanos, por nossos pares:

Os termos que nos permitem ser reconhecidos como humanos são socialmente articulados e são variáveis. E, às vezes, os mesmos termos que conferem a qualidade de humanos a certos indivíduos são os que privam outros da possibilidade de alcançar tal status, produzindo assim um diferencial entre o que é humano e o que é menos que humano. Estas normas têm profundas consequências na nossa concepção do modelo do ser humano com direitos ou do ser humano que se inclui na esfera da participação na deliberação política. (BUTLER, 2006, p. 14, Tradução Nossa)

Neste sentido, é importante dizer que o que nos torna humanos, como declara a filósofa, tem várias nuances que promovem ou não essa humanidade. Estamos falando aqui das questões de raça, gênero e classe que não podem ser esquecidas e que perpassam a todos nós. Neste caldeirão de ingredientes que nos torna mais ou menos humanos, precisamos acrescentar o filósofo francês Michel Foucault entende por dispositivo

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244)

Nesse sentido faz-se necessário pontuar e calcular o peso e a especificidade de pensarmos a sexualidade como dispositivo que atravessa a subjetivação dos indivíduos. Desta forma é importante frisar que além da sexualidade, expressão de gênero e o corpo cooperam para um novo "dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero que atinge todas as pessoas, independentemente da orientação sexual, ainda que em distintos graus e modalidades" (MÁXIMO, 2010, p. 8)

A família, a escola e a sociedade são instituições que fazem parte dessa soma de dispositivos que corroboram para a heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) e o ciscentrismo (GASPODINI; JESUS, 2020), e trazem um olhar normativo que inclusive cooperam para o que entendo como "maquagem endosexo em corpos intersexo", ou melhor dizendo, aqui utilizando uma paráfrase ao conceito de Rich (2010), uma endossexualidade compulsória. Pode-se dizer de forma mais aprofundada que essas instituições produzem "práticas de si, tipos específicos e historicamente localizados da relação de si para consigo em que o próprio sujeito identifica-se como sujeito moral, sujeito de desejo e sujeito de prazer" (KARSENTI, 2020, p. 287).

Estas instituições, como o autor acima afirma, são essenciais para com esta soma de dispositivos, enformar sujeitos. Segundo Foucault (1979), todos esses dispositivos aparelhados produzem um sujeito “subjugado”, obediente e de moral ilibada que não atenta contra a heterossexualidade e endonormatividade. Nesse entretempo, o assujeitamento do indivíduo deve produzir um sujeito coeso socialmente tornando inclusive para vigiar outrem.

De todas as instituições aparelhadas para este assujeitamento, a escola é aquela que em minha percepção tem enorme contribuição para isto. Neste espaço, está materializada a diferença entre os gêneros com banheiros específicos, filas, temas das aulas de biologia e educação física. Neste artigo não terei a oportunidade de pormenorizar cada uma das instituições e seu papel cooperador para a heterossexualidade compulsória (RICH,1988). Por isso, com maior dedicação passarei a abordar a instituição escolar, para percebermos a infiltração da heterossexualidade e também a manifestação de corpos dissidentes.

O espaço escolar como dispositivo

Quando estava na pré-escola tive meu primeiro contato com a separação por gênero; banheiros, filas de meninos e meninas, brinquedos e brincadeiras específicas são alguns exemplos deste contato. Apesar dos brinquedos do playground deste local não serem separados, havia uma percepção mais demarcada de que certas características serviam para os gêneros de forma diferente. Era muito comum ouvir comentários durante esse período de que fulano era mais ágil, mais forte e perspicaz do que as meninas, além disso, outros comentários eram direcionados as roupas que usávamos em eventos da pré-escola eram mais destacadas nas meninas do que nos meninos.

Segundo Caldeira e Paraíso (2016) “o currículo escolar é um artefato constituído por relações de poder-saber e que está envolvido na produção de diferentes modos de subjetivação.” Como a escola é o lugar em que se dão uma série de experimentações, vivências e práticas, nele agem e operam uma série

de dispositivos de controle, como tecnologias e técnicas que tornam evidentes conflitos de ordem cultural (CALDEIRA E PARAÍSO, 2016). No entanto, enquanto lugar de alta potencialidade de transformação e formação coletiva e individual, a escola se configura como uma oportunidade de exercer e aprender a diferença enquanto central para o ensino-aprendizagem e para a vida, sendo, para isso, necessário que treinar-se um olhar ampliado para a diversidade corporal, um olhar focado numa Biologia queer que seja exercido em escolas e creches desde os primeiros estágios de desenvolvimento e ensino.

O termo “tecnologia de gênero” utilizado neste artigo e também no artigo que acabei de citar deriva da teoria da linguista Teresa de Lauretis (1994) e neles tomamos como base a leitura de Foucault sobre o significante tecnologias. O autor as entende enquanto instrumentos que aliados a discursos e relações de poder forjam e produzem subjetividades. Desta forma, as tecnologias de gênero, aqui podemos entender o currículo escolar como uma dessas tecnologias que produzem sujeitos generificados.

Entender o gênero como uma tecnologia significa entender que não se trata de uma categorização meramente biológica, mas que se constitui por múltiplas relações de poder-saber, discursos, estratégias e dispositivos, incluídos os escolares, religiosos, institucionais e mercadológicos (LAURETIS, 1994). Não há corpos masculinos ou femininos, mas o que há é uma estrutura de poder que perpassa pela sociedade e determina quais corpos são ou não possíveis, assim corpos intersexo são vistos como anômalos ou nem percebidos são na estrutura biopolítica da sociedade (DAVIS;2015; KARKAZIS,2008).

O corpo é uma estrutura permeada pelo discurso (MILANEZ, 2007). Essa posição se contrapõe à ideia de um corpo meramente natural, fruto da produção científica e biológica (DOS SANTOS, 2000). Somos nós como sociedade que garantimos ao corpo significado, pois como afirma Butler (1998, p. 139), “esse ato de significação produz o corpo que, então, afirma encontrar antes de qualquer significação”, ou seja, são os discursos auxiliam a produção corporal do indivíduo e também seu apagamento no processo discursivo de construção e que tornam o corpo um produto da ordem do natural.

Louro (1997) destaca que apesar da efervescência dos estudos feministas e as discussões inclusive sobre esta disciplina, ainda nota-se um acionamento da Biologia - marcado por Ferraro (2020) como uma instrumentalização negativa desta ciência. Isso se deve, por exemplo, ao uso da biologia humana por parte de educadores físicos escolares diante das práticas de esportes como handebol, futebol, vôlei e basquetebol muitas de suas ações e comentários se devem a habilidade física e também aos prejuízos futuros destas práticas por meninos e meninas nas práticas esportivas, mas principalmente as últimas.

Nestas ações e comentários estão presentes o cuidado quanto à sexualidade, além dos comentários com colegas referentes a naturalidade das práticas realizadas. Segundo Messner apud Louro (1997), o alerta sobre a sexualidade cis-heterodiscordante do homem/menino apareceria diante da falta de interesse do mesmo por futebol ou a prática cotidiana de esporte.

O gênero entendido como feminino, entretanto, seria, também, severamente moldado por intermédio das práticas esportivas no âmbito escolar, embora de forma diferente. Segundo Louro (1997) citando Sheila Scraton (1992), a passividade e fragilidade supostamente inerentes ao gênero feminino - são construídos por determinismos e aprimorados por tecnologias de gênero - levariam meninas e mulheres a praticarem atividades esportivas que as resguardassem no corpo e na sexualidade pensando um futuro heterossexual e reprodutor. Tais atividades ainda são amplamente estimuladas por educadores físicos nas escolas de todo Brasil. Louro continua dizendo que a preocupação destes professores estaria focada:

como o fato de que tais atividades podem "machucar" os seios ou os órgãos reprodutores das meninas (curiosamente esse argumento não é, segundo a autora, colocado em relação aos meninos), bem como podem estimular contatos entre as garotas que não seriam desejáveis. (LOURO,1997, p.76)

Nesse sentido, é importante destacar que a preocupação dos educadores ressaltada tem como objetivo uma prevenção ao desvio sexual, levando-os a assumir uma postura LGBTifóbica. Esta preocupação não está aqui colocada só para o bem das jovens, mas com vistas á assumir o futuro projeto heterossexual delas, sem ao menos questionar até que ponto esta ação tem consentimento das mesmas.

Outrossim, diante do conservadorismo da sociedade, a resposta dada à proposta de debate sobre sexualidade na escola é de coibir essa discussão nesse ambiente com a justificativa de que falar de sexualidade é se “intrometer” num assunto de primazia da família. Um ponto importante a se destacar é de que essa discussão surge espontaneamente no cotidiano de adolescentes e jovens e se aprofunda na continuidade da vida adulta, ou seja, isso só diz respeito ao sujeito e a ninguém mais (LOURO,1997).

Um outro lugar em que o tema do gênero e da sexualidade aparecem são as aulas de biologia. Nelas a abordagem sobre o corpo humano surge entre o sexto e o nono ano do fundamental, justamente na época em que a adolescência faz sua estreia. Durante as aulas, o próprio corpo dos estudantes está passando por mudanças próprias dessa fase da vida, de forma que as aulas de Biologia têm um aspecto prático e de autorreconhecimento (PAGAN, 2017).

Nesse mesmo período, também aprende-se acerca das síndromes genéticas, como as de Turner, Morris e Klinefelter. Assim, sob essa nomenclatura classificatória, a intersexualidade é apresentada pela primeira vez e em uma forma de ensino que patologiza as existências sob um paradigma medicalizante, sendo capaz de impactar pessoas durante suas descobertas acerca do próprio corpo.

Foi exatamente nesse período que aprendi acerca da intersexualidade, mas não com esse nome, em vez disso o conceito usado foi este de “síndrome genética”. Lembro-me de no 1o ano do Ensino Fundamental II ser a primeira

vez que ouvi a palavra síndrome. Na aula, foram apresentadas as síndromes mais conhecidas da intersexualidade pela biologia: Turner, Morris e Klinefelter, naquela época confesso que minha reação foi de espanto. Ficava pensando nesses momentos que estava “feliz” e aliviado por não ter, após a explicação das síndromes, conhecido alguém que tivesse alguma delas. Anos depois, durante a descoberta da intersexualidade em mim, de alguma forma a lembrança daquela aula causou um impacto muito maior do que naquele dia.

Na apresentação de minha professora, ela falava dessas síndromes como uma questão ligada ao desenvolvimento corporal, aos hormônios na adolescência e a gestação na vida adulta. O que me remetia a conversa de anos antes com minha mãe e irmã acerca de menstruação e sobre ter filhos. O sentimento era de raiva de Deus e do mundo, já que sempre ouvia quando criança que “o ato de dar a luz era uma benção para a mulher e era esse seu papel, o de educar e cuidar da casa”. Aquele era um futuro que me amedrontava, ter de dizer ao futuro marido sobre a minha impossibilidade de realizar o sonho heterossexual da reprodução, me sentia aquela pessoa que fora sorteada para viver um triste futuro com um corpo “defeituoso” e que não sabia lidar com o corpo e a própria sexualidade.

Ao sair da igreja e me integrar no movimento de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo este quadro começou a mudar. Além de atenção ao meu corpo, também passei a devotar atenção à minha sexualidade, e com a descoberta da carta-relatório que revelou minha intersexualidade, o desejo de me conhecer só aumentou. Ao me apoderar de meu prontuário-médico e ler uma parte do texto de mais de 100 folhas, a raiva deu lugar ao entendimento de minha situação. Nas investidas de minha mãe e irmã para nutrir a possibilidade de “dar à luz” estava incluída a farsa que começou aos meus 7 meses de idade que foi uma tentativa de uma maquiagem, por sua vez mal-feita, para afirmar uma feminilidade que nunca tive. A farsa que “maquiou”

meu corpo não me deu a possibilidade de gerar, apesar de haver em mim um certo desejo por isso.

Além disso, durante o ensino-aprendizagem da anatomia e fisiologia corporal na escola, existe um foco muito grande em relação à reprodução e hormônios, sendo assim uma abordagem reducionista e focada num corpo normativo endossexo capaz de gestar ou inseminar. Se o corpo intersexo não for idêntico ao normativo, ele nunca será lembrado ou citado nas aulas de biologia, por exemplo. (PAGAN, 2017; SIQUEIRA SILVA, & PINHEIRO DE QUEIROZ SILVA, 2021).

O patriarcado, se coloca como universal e, nesse sentido, perfeito e impede as pessoas de se entenderem sem vieses. Chegar ao conhecimento do ser e tornar-se o que se é passa a se converter em um desafio que é vencer as noções de si trazidas pela sociedade e seguindo o seu desejo se assumir não mais em discurso, mas em matéria viva.

O desejo pelo monocromático é um desejo de uma sociedade que primeiro se manifesta, de acordo com Ferraro (2020), pela normalidade que segundo a autora se apresenta de forma virtual e através das práticas vai se tornando material. A materialidade desse desejo começa a operar através da heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) através da qual os corpos dissonantes ao fator reprodutivo e de continuação da espécie passam pela invisibilidade e falta de reconhecimento. É importante que o dissonante seja invisibilizado e a paisagem multicolorida da diversidade corporal, sexual e de identidade de gênero seja apagada, para que o sentimento de população una se torne uma realidade aparente e cada vez mais só fique visível o cinza. Ou seja, que haja um cinza monocromático capaz de formar uma normalidade coesa, um ente biológico e de espécie que é a população humana.

A Endonormatividade⁷ é um projeto de poder que demorou séculos para se materializar. Em *Os anormais*, Foucault (2001) coloca a figura do andrógino e o hermafrodita como párias sociais que não combinam com este projeto, por divergirem corporalmente daquilo que deveria ter a forma e a aparência da perfeição, ou seja, o corpo endossexo. Por muitos anos estes corpos pairavam o lugar do mito, despertaram o fascínio e o imaginário social. Eles saíram de seu lugar marginal e passaram para o escrutínio da ciência médica na sociedade ocidental. (DREGER,2000)

Este é um exemplo de como ciência médica passa então a ser aliada do Estado moderno a partir dos séculos 19 e 20 para a organização urbana do território com o uso do discurso científico para as várias intenções do próprio Estado. Neste sentido pode se dizer e lembrar que a ciência nunca é imparcial. (FOUCAULT, 2008) e que o uso da palavra governo passa por uma mudança. A mudança ocorre para Foucault (2008), em seu significado que remetia ao cuidado do indivíduo e ao poder pastoral e agora passa a ser utilizada com um outro foco o de gerir a população. O governante, a partir de agora, separa, corrige e disciplina esse sujeito anormal, que passa a ser medicalizado e inclusive operado para estar cada vez mais próximo da ideia de população una.

A intersexofobia aparece

Guacira Lopes Louro, grande teórica que trouxe os estudos queer para o Brasil, na coletânea *Gênero, Sexualidade e Discriminação* (2016) aborda os temas da diferença e da discriminação quanto às identidades não-heterossexuais, utilizando o filme *As melhores coisas do mundo* (2010). Esse

⁷ Nota do autor :Adequação e apagamento dos traços de intersexualidade nos corpos intersexo com cirurgias de mutilação genital e a reconstrução de novos genitais com a aparência mais próxima ao corpo endossexo, além de mais tarde fazer uso da hormonização forçada contribuindo cosméticamente para o completo desaparecimento desses traços. (SUMERAU E MATHERS,2019; NOWAKOWSKI, SUMERAU, LAMPE,, 2020)

é um assunto corriqueiro em nossa sociedade, pois como ela citou “Não preciso invocar teóricas consagradas para lembrar que as sociedades supõem um encadeamento lógico entre sexo, gênero e sexualidade.” (LOURO, 2016, p. 119)

O filme conta a história de um adolescente que passa por uma separação familiar e apesar de divórcios ocorrerem cotidianamente, esse é especial. A separação acontece por causa da descoberta da homossexualidade do pai. Esta é uma questão nebulosa para o personagem principal do filme, o filho com o nome Mano. Segundo a autora, ele está muito perto de nós. É o lugar comum de dezenas, centenas, milhares de garotos e garotas e também de muita gente grande que, de algum modo, se vê afastada das normas regulatórias da sociedade” (LOURO, 2016, p. 119). A homossexualidade do pai gera um desconforto para a família e em específico para Mano que vive numa sociedade heterocentrada (PRECIADO, 2014), ou seja, em que corpos e sexualidades seguem a trilha da heterossexualidade compulsória, sobre a qual aborda Rich (2010).

Apesar da homossexualidade não ser o foco deste artigo, a jornada que desperta é aquela que coloca em destaque a diferença e a discriminação contra orientações sexuais e identidades de gênero. Essas ações sociais despertadas contribuem com nosso objetivo aqui que é abordar a trilha que leva à intersexofobia na sociedade. São ações que podem ser silenciosas, que podem levar a um apagamento de si que pode durar uma vida toda. A intersexofobia, em nosso caso, é silenciosa e pode levar à prática das alterações corporais no silêncio e no segredo que pode ocorrer desde o nascimento ou na puberdade.

Durante esse período etário que vive Mano estão presentes a escola, a família e a sociedade, instituições que procuram preparar o jovem para viver e sonhar dentro dos padrões da heterossexualidade. Na vida adulta, esses padrões ocorrem através de “julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase” (DE NARDI, 2005, p. 9).

Tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação da materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, apud DE NARDI, 2005)

São esses julgamentos que colocam a memória em ação. Para Pêcheux (In DE NARDI, 2005), o que chamamos de memória é

“(o) encontro com o acontecimento, a tensão entre a regulação e a desregulação: algo sedimenta-se porque se repete, porque se regulariza, mas esse algo está sempre ameaçado pelo novo, que pode sufocá-lo, que pode apagá-lo, fazendo-o ruir.” (2005, p. 8).

Neste sentido entendo a memória como um construto marcado pelo discurso e pela história, ou seja, ela responde à sua época, evocada pela sociedade e seu entendimento dos costumes e comportamentos. O que também corrobora com as premissas do filósofo Michel Foucault, que observa não só o papel da construção do discurso, mas também do sujeito e sua multiplicidade em que “a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade” (FOUCAULT, 2004, p. 275).

Em um primeiro momento, ao explicar sobre o sujeito, Ferreira Neto (2017) diz que o olhar de Foucault está voltado para um sujeito assujeitado, ou seja, alguém que está submisso e obediente ao poder pastoral da confissão e da regulamentação da vida. No curso, em “O governo dos vivos” (1980), Ferreira Neto (2017) nota dois vetores ligados ao sujeito, um assujeitado e outro em busca da liberdade.

Nós olhamos para si e para os outros que diria que são nossos espelhos, pois através das relações sociais nos conhecemos e conhecemos o outro. O outro na relação social nos reflete e nos mostra quem somos, através desse olhar passamos a nos reconhecer e no cultivar das práticas de si, passamos a nos perceber como muito mais do que o obedecer. Nesse sentido é preciso lembrar que as últimas obras do filósofo passam a nos mostrar o quanto é possível perceber e encontrar a liberdade de si (FERREIRA NETO, 2017).

Pela repetição cotidiana e pela convivência familiar, os papéis de gênero vão se demarcando, o de si e o do outro, esse processo podemos entender como uma diferenciação do feminino e do masculino (BUTLER, 2003). Por isso, ao falarmos em diferenciação entre masculino e feminino é preciso lembrar que para DOS SANTOS (2012) elas foram produto da criação humana e parte dos contextos sociais do mundo ocidental e concebidos socialmente como naturais. Apesar disto o autor pontua que como produtos das sociedades ocidentais

tais diferenças (e as assimetrias nas relações de poder delas decorrentes) vem sendo marcadas numa série de instâncias e práticas culturais (religiosas, sociais e, mais recentemente – pelo menos nos dois últimos séculos – biológicas) como se elas “sempre tivessem existido” (2012, p. 48).

Essas diferenças em um primeiro momento são aquelas visíveis, dadas por um mundo que só enxerga a partir de uma dada lógica a binária ou diádica⁸. Nessa lógica só existiriam corpos femininos e masculinos, o diádico seria o único sistema existente e os corpos fora deste padrão.

Graças ao movimento social intersexo internacional que surge com a fundação da Intersex Society of North America em 1993, tem havido um movimento de contestação desse binário que tem se espalhado por todo mundo

⁸ Segundo o dicionário Michaelis: Diádico é um adjetivo que pode significar: 1 Relativo a díada ou a díade.; 2 Do número dois ou relativo ao número dois.;3 Formado de duas partes ou elementos. Disponível em : <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diadico/> .

(DAVIS E PREVES, 2019), inclusive no Brasil. Aqui o movimento intersexo teve início em 2015, fruto da sociabilidade em redes sociais e da divulgação de histórias intersexo traduzidas para o português, publicadas na rede social Facebook por um grupo de pessoas intersexo brasileiras e depois criando um grupo que dali surge o interesse por ter uma organização que defenda as pautas intersexo no país.⁹

Para se entender do que estamos falando, acredito ser importante trazeremos a definição de intersexo para entendermos melhor e prosseguirmos com o texto. Segundo a Associação Brasileira Intersexo, a primeira organização coletiva dessa população no país, a palavra intersexo se define por pessoas que “têm características sexuais congênitas, não se enquadrando nas normas médicas e sociais para corpos femininos ou masculinos, e que criam riscos ou experiências de estigma, discriminação, ódio e danos” (ABRAI, s.d)

O Contraste a essa definição é a palavra usada para pessoas não intersexo: endossexo¹⁰ (CARPENTER et al, 2021) essa palavra tem tido grande popularidade no movimento social intersexo nacional e internacional. Nesse sentido cabe aqui esclarecer que apesar de antigamente usarem a palavra diádico para se referir a esses corpos ele não contempla as singularidades de não intersexualidade e por concordar com eles também adotarei essa palavra. Ela se define por refere-se a “características sexuais físicas inatas julgadas para se enquadrar na ampla gama do que é considerado normativo ou típico para corpos 'binários' femininos ou masculinos pelo campo médico, ou a pessoas com tais características (CARPENTER et al ,2021)

⁹ Essa divulgação se mantém até hoje através da página no facebook Visibilidade Intersexo: <https://www.facebook.com/visibilidadeintersex>

¹⁰ Palavra criada pela Ativista e Intelectual Intersexo Heike Boedeker

Voltando a falar sobre o movimento brasileiro, a presença deste começa a ser mais sentida na sociedade brasileira a partir de 2018, ao sermos convidados para uma fala sobre nossa luta na parada LGBT de São Paulo que em 2019 foi incluída pelo livro *Guinness Records* como a maior parada LGBT do mundo¹¹. Outro momento de visibilidade desse movimento foi ter sido convidado a participar de discussões¹² sobre a certidão de nascimento com o Ministério dos Direitos Humanos, em Brasília, na época em que presidia o país Michel Temer.

Apesar disso, a intersexofobia continua a ocorrer não só no Brasil, mas em grande parte do mundo. Ainda esta luta internacional do movimento intersexo não pára, nosso maior objetivo desde os anos de 1993 até hoje, uma árdua luta contra a intersexofobia que ainda é um grande desafio.

A luta contra a endonormatividade é contínua, pois para ela nossos corpos, cuja biologia corporal não se encaixam no papel de favorecedores da heterossexualidade, torna-nos vítimas de uma maquiagem cruel cujo destino é a continuação da espécie através da reprodução. Rich (2010) entende este fato como heterossexualidade compulsória e, a partir disso, o que entende-se pelo aparecimento da intersexofobia na prática da mutilação genital de pessoas intersexo ao nascer ou na tenra infância.

Além desta forma, a mesma também é percebida nas análises das medidas hormonais, uma vez que a medida em si é uma questão que provoca a intersexofobia. Mesmo com as multiplicidades dos corpos, espera-se que as medidas sejam universais, neste sentido, o corpo intersexo é pensado como

¹¹ Disponível em [Memorial da Democracia - Parada LGBT de SP vai para o 'Guinness'](#) . Acessada em 15/05/2022

¹² Nota do Autor: A equipe que coordenou essa discussão ainda era do 2o governo Dilma, infelizmente a equipe foi trocada por pessoas indicadas por Temer e a discussão não prosseguiu.

"incapaz" de cumprir o padrão heterossexual, então ele deve ser "maquiado"¹³ para se enquadrar no padrão esperado. Nesse sentido

Ser latino-americano assombrado por não ser europeu, ser negro assombrado por não ser branco, ser indígena assombrado por não ser português, ser periférico assombrado por não ser central, ser mulher assombrada por não ser homem, ser homossexual assombrado por não ser heterossexual, ser transgênero assombrado por não ser cisgênero, e assim sucessivamente (RODRIGUES, 2021, p.60).

Esse assombro se revela ao sermos questionados por pessoas LGBT quanto ao real motivo de fazermos parte da sopa de letrinhas que compõe a sigla. Cotidianamente, indivíduos intersexo são indagados por estarem ali, porque assim como na sociedade como um todo, somos vistos dentro do próprio movimento como corpos que tem uma condição biológica incomum. Neste momento, a pluralidade daquela pessoa desaparece e voltamos a ocupar o lugar do anormal, como se a anormalidade fosse um traço unicamente biológico.

Na citação acima também incluiria: ser intersexo assombrado por não ser endossexo. Todo esse assombro se revela no livro de Mark Fisher¹⁴ (2014) que Rodrigues (2021) traz à baila para refletirmos juntos. Essa palavra Assombro, viria de Assombrologia que na verdade é uma tradução brasileira, mas por entender que a palavra perde certa força com essa tradução, faço a preferência por usar Hauntologia, sendo fiel ao seu criador de qual Fisher (2014) faz uma utilização um pouco diferente.

¹³ Nota do Autor: Sempre que se refere a essa maquiagem se fala da mutilação genital intersexo feita em corpos com genitália atípica através da cirurgia plástica para que estejam o mais próximo de genitálias normais. Aqui vale o ditado médico referido por Machado (2008) “é mais fácil abrir um buraco do que levantar um poste”.

¹⁴ Livro recentemente traduzido para o português pela Editora Autonomia Literária.

Enquanto Derrida, o criador do conceito estava influenciado pelo conceito de Francis Fukuyama do “fim da história” e a ontologia, suas questões sobre a Hauntologia estão muito mais ligadas à filosofia, mas infelizmente não poderemos nos aprofundar e passemos, então, para o interesse de Fisher na palavra. Segundo Rodrigues (2021)

Hauntologia como aquilo que é infamiliar (Freud, 2019) – aqui me valendo da recente tradução proposta por Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares – me interessa na medida em que minha proposta parte da estranheza de uma temporalidade que recusa a cronologia passado-presente-futuro (2021, p.60).

Essa recusa por passado-presente-futuro é na realidade “ser assombrado por aquilo que não se é nem se poderia ser” (2021, p.60). É ser assombrado por fantasmas, assim como Fisher tinha interesse em escrever sobre eles, o fantasmagórico não tem temporalidade, levou-me a pensar na intersexualidade como fantasmas que rondam a endossexualidade e a colonialidade.

Através da técnica e do projeto de modernidade (DUBE et al, 2004) de construir um modelo familiar que atendesse ao modo de vida burguês cooperando para uma nação endosexo, fazendo uma paráfrase ao texto de Ochy Curiel (2013). Nesse sentido o desejo dessa nação faz com que a intersexualidade torne-se um obstáculo, a intersexofobia aparece de diversas formas, apesar de nesse artigo só trabalharmos duas delas .

A medicina, esse campo de saber-poder passa a agir em corpos intersexo de genitália atípica e, através da técnica cirúrgica para que intersexualidade torne-se imperceptível, passando assim a frustração provocada nos pais e na sociedade na hora do seu nascimento. O assombro provocado pela intersexualidade, também atinge os corpos fora da norma por orientação sexual ou identidade de gênero, já que todos fazem parte da mesma sociedade.

Ações mutilatórias (retirada de genitais sem consentimento) ou uma

adequação hormonal para um corpo intersexo, são ações para prevenir um fantasma e seu espectro. Nesse ínterim segredo e silêncio, passam a ser elementos capazes de acirrar ainda mais a intersexofobia, fazendo jus ao projeto colonial de apagamento da intersexualidade. Tornando o consultório médico ou a sala de cirurgia, locais que cumprem o apagamento feito em nome da colonialidade/modernidade.

Vale dizer que a intersexofobia surge quando o diferente se mostra socialmente, entretanto, ela é reificada principalmente pelo olhar médico sobre o corpo intersexo. Na questão da intersexualidade, quando o corpo demonstra que há uma diferença dos parâmetros esperados, o olhar endosexo manifesta-se sobre o corpo diferente (SILVA, 2019). Como afirmei anteriormente, é como se a presença do intersexo denunciasse o desejo de todos de estarem mais próximos e correspondentes à norma, pois fora dessa correspondência passamos a ser invisíveis. Esta percepção-denúncia coloca em xeque a ânsia que há em nossa sociedade para atingir uma perfeição corporal¹⁵ que a norma exige e quando ela não atinge o alvo desejado é impossível ficar calado diante do corpo que a escancara. Logo, a intersexofobia, diante deste corpo-falha ou deste “erro” de desejo, anuncia a necessidade de distanciamento.

Efeitos do sexo-gênero

Gostaria de aprofundar esta questão a partir do do artigo de Butler e Beltran (2013), com o enfoque na intersexualidade e na transexualidade. A autora, no terceiro capítulo deste livro, indaga o que nos faz ou não humanos, ou seja, busca entender o que traz a nós a humanidade. E, para pensarmos sobre esta questão, a autora traz a história de David Reimer, uma criança operada para o feminino após ter o pênis chamuscado em uma circuncisão.

¹⁵ Nota do Autor: essa lógica de perfeição é a do indivíduo universal: Branco, Cisgênero, Heterossexual, Endosexo e Europeu.

Em artigo anterior¹⁶, retomo a tese usada pelo psicólogo John Money do conceito de “Neutralidade de gênero” que foi divulgada durante os anos 60 e utilizou a história de Reimer como criança-propaganda do construcionismo social. Infelizmente, essa tese é ainda hoje utilizada e aplicada em crianças intersexo.

Money era o psicólogo responsável pela clínica de identidade de gênero na Faculdade John Hopkins, em Baltimore, Estados Unidos, além de ser um estudioso de gênero e sexualidade a partir de pessoas intersexo e trans. A tese do psicólogo se restringia até a idade de 1 ano e 6 meses, segundo a qual a identidade de gênero até essa idade seria moldável. Reimer era filho de canadenses e tinha um irmão gêmeo, chamado Brian. Bruce, seu primeiro de 3 nomes e seu irmão foram utilizados como cobaias humanas.

Passado um tempo, após o acidente desastroso acontecido a Bruce, sua mãe viu uma entrevista de Money falando da identidade de gênero e de sua teoria, ela resolveu então escrever uma carta para ele e contou-lhe o caso de seus filhos. O psicólogo convidou-lhes para uma ida à sua clínica em Baltimore. Ao casal, o psicólogo lhes informou sua teoria e, com aceite dos pais, a criança passou por uma feminização corporal e, a partir dali, a criança seria chamada de Brenda.

Até os 14 anos, Brenda viveu coisas inimagináveis, era interrogada por psiquiatras e psicólogos da equipe da clínica sobre suas relações com o feminino, os brinquedos e o uso de roupas, além disso, o médico chegou a simular sexo entre irmãos¹⁷. A menina foi ainda ameaçada de ser morta pelas colegas do colégio por fazer xixi em pé e convivia com a insistência

¹⁶ Indicação na bibliografia

¹⁷ Nota do Autor: Para Money, Brian era o caso do controle de seu experimento, nada nele foi modificado. O psicólogo via Brian como o espelho oposto da garota e inspirado num filme da época, resolveu levar às últimas consequências a ideia de que o menino era o seu oposto com esta simulação. Creio que ele esperava com isso convencer a menina de uma vez por todas que ela não era aquilo que dizia ser.

traumatizante de Money para que ela fizesse uma vagina na esperança de que essa cirurgia apaziguasse de vez a garota e que a mesma se conformasse com o projeto de vida que o psicólogo tinha para ela.

Cansada de dizer que não gostava do feminino, seja quanto às roupas ou às brincadeiras com suas insistentes atitudes do sexo oposto, Brenda convenceu a mãe a contar sua verdadeira história. A partir daquele momento, foram juntas à procura de uma medida que as auxiliassem a tornar sua identidade de gênero masculina uma realidade. Encontraram com o médico Milton Diamond, um dos mais antigos contestadores das ideias de Money, que fez sua cirurgia para um neofalo, além de lhe injetar hormônios masculinos, conquistando sua real aparência.

O livro do jornalista John Colapinto, que em português foi traduzido como *Sexo Trocado*, relata que David viveu como lhe foi possível, era uma pessoa pacata, um marceneiro que se casou, adotou os filhos da esposa, separou e, em 2004, suicidou-se. O suicídio também foi o destino de seu irmão 2 anos antes. O que lhes atingiu no começo da vida foi inominável, mas Butler, em seu texto sobre esta história, relata que enquanto viveram os dois irmãos assumiram um risco e, quanto a David, ela diz que sua vida após tudo que viveu no começo da infância e adolescência foi “uma conquista frágil que exigia coragem”. (BUTLER, 2013, p. 20. Tradução minha).

Convido o leitor, neste momento do texto, a uma reflexão sobre o ponto que Butler invoca ao falar de Reimer. A humanidade do rapaz foi testada numa tentativa de subjugar-lo às vontades do outro. O primeiro "outro" foram seus pais, que diante do desastre ocorrido com a criança, não sabiam como lidar com seu filho nem naquele presente aos 14 anos, nem no futuro próximo, quando David se tornasse adulto. Provavelmente, passava pelas cabeças dos pais as perguntas mais perturbadoras: “sem o genital será possível viver?”, “como ele irá se perceber sem o genital?”, “será que ele vai poder se casar?”.

As perguntas que surgiram nas cabeças destes pais, na realidade, são

fruto de um sistema em que todos estamos incluídos e que a autora nos lembra de Foucault (1997), ao falar sobre a crítica do seu entendimento acerca das “políticas da verdade”. Sua leitura é que são elas que nos precedem antes de sermos pessoas e, segundo o filósofo e historiador francês, também nos desassujeitam. Em Butler (2006), estas políticas se manifestam na relação entre o humano e o que se entende por inteligibilidade. Ainda nessa questão, ela detalha mais seu entendimento das políticas da verdade em Foucault “uma política que pertence àquelas relações de poder que circunscrevem de antemão o que contará e o que não contará como verdade, que ordenam o mundo de maneiras regulares e ajustáveis, e que aceitam como campo de conhecimento” (BUTLER, 2013, p. 3. Tradução minha).

Araújo (2009) sugere, ao falar sobre as obras *Nascimento da Biopolítica (2008)* e *Segurança, Território e População (2008)*, de Michel Foucault, que esses livros apresentam um “retrato de nosso presente, do modo como hoje se governa. E isso sempre com uma perspectiva crítica das nossas atuais mazelas.” (ARAÚJO, 2009, p. 41). Nesse sentido, a autora nos lembra do conceito cunhado pelo filósofo de “biopoder” que, segundo ela, fala “a respeito aos traços biológicos da espécie humana que entram em estratégias políticas, é um poder sobre a vida” (2009, p. 42).

O poder sobre a vida também nos coloca diante das políticas da verdade que tornam inescapáveis o ser e o estar. A partir delas, também tomamos decisões, arcamos com suas consequências e podemos legitimar com base nelas nosso entendimento sobre o outro, além do cuidado de si que remonta ao poder pastoral e de sua origem judaico-cristã

o poder pastoral implica cuidado com a saúde, zelo e devotamento para que cada um tenha assegurada sua subsistência, nutrição; é um tipo de poder que visa a cada ovelha e a todo o rebanho ao mesmo tempo (omnes et singulatim) e cuja aplicação é indefinida, não tem limite, não cessa; a forma ocidental de poder segue o modelo do pastorado, como poder sobre os homens, como matriz de governo dos homens. O poder pastoral foi introduzido no Ocidente pela igreja cristã, é um poder original,

único na história e com ele o homem ocidental aprende a ser uma ovelha em meio a outras, precisa que o pastor se sacrifique por ele. (ARAÚJO, 2009, p. 44)

Ainda hoje são casamentos entre poder pastoral e as políticas da verdade que orientam o indivíduo a viver sob a égide dos governantes e da sociedade ocidental. Neste sentido, a formação do homem do século 20 e no atual século, para Butler, continua esse conjunto de arranjos e fazem-nos compreender

o que é uma pessoa e quais normas sociais devem ser respeitadas e expressas para que se atribua tal qualidade, como reconhecemos ou não outros seres vivos como pessoas dependendo de reconhecermos ou não a manifestação de uma determinada norma no e através do corpo do outro (BUTLER, 2006, p. 4. Tradução minha)

Apesar de estarmos no século 21 esse projeto de reiteração dos corpos endossexo e intersexo continuam, sejam pela marcação no corpo com cicatrizes de uma mutilação, seja no ajuste hormonal de corpos que estão fora dos padrões hormonais esperados. Apesar da técnica e da tecnologia que se aprimora a cada dia, ainda esses corpos são enxergados como não humanos, ou menos que humanos. Se não conseguimos enxergar esses corpos como possíveis depois de todos os pontos aqui apresentados. O que falta para que esses corpos sejam enxergados como existentes de uma vez?

Referências:

ARAÚJO, Inês Lacerda. Foucault, para além de “Vigiar e punir”. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 21, n. 28, p. 39-58, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERSEXO (ABRAI). *O que é ser Intersexo*. Disponível em: <https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/definicao-de-intersexo/> Acessado em 13/02/2022.

BÖDEKER, H. *Intersexualität, Individualität, Selbstbestimmtheit und Psychoanalyse*. Ein Besinnungsaufsatz. In: Katzer M, Voß H-J, eds. *Geschlechtliche, sexuelle und reproduktive Selbstbestimmung*. Giessen: Psychosozial-Verlag, 2016: 117–36

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *RECURSO EXTRAORDINÁRIO 670.422.RIO GRANDE DO SUL. RECTE(S): S T C. RECDO. (A/S): OITAVA CÂMARA CÍVEL DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL*. Relator: Ministro Dias Toffoli. Julgamento: 15 de agosto de 2018 Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=752185760> Acessado em: 13/01/2022

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

_____; SOLEY-BELTRAN, Patrícia. *Hacerle justicia a alguien: la reasignación de sexo y las alegorías de la transexualidad*. *Debate Feminista*, v. 47, p. 3-21, 2013.

CARPENTER, Morganet al. Endosex. *Journal of Medical Ethics*, 2022.

COLAPINTO, John. *Sexo trocado, a história real do menino criado como menina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CURIEL, Ochy. *La Nación Heterossexual. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropología de la dominación*. Bogotá, Brecha Lésbica y en la frontera, 2013.

DAVIS, Georgiann. *Contesting intersex: The dubious diagnosis*. NYU Press, 2015.

_____; PREVES, Sharon. Reflecting on Intersex. In: VALENTINE, Catherine G.; TRAUTNER, Mary Nell; SPADE, Joan Z. (Ed.). *The kaleidoscope of gender: Prisms, patterns, and possibilities*. Sage Publications, 2019.

Diádico In: Michaelis, Dicionário Online de Português. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diadico/>. Acesso em: 15/01/2022.

DE NARDI, Fabiele S. Identidade, memória e os modos de subjetivação do sujeito. 2005.

DOS SANTOS, Luís Henrique Sacchi. Dispositivo de diferenciação masculino/feminino: do corpo molar ao corpo molecular- algumas implicações ao ensino de Biologia. *TEXTURA-Revista de Educação e Letras*, v. 14, n. 26, 2012.

DREGER, Alice Domurat. *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. Londres: Harvard University Press, 2000.

DUBE, Saurabh et al. *Modernidades coloniales*. México: El Colegio de México, 2004.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 3, p. 54-81, 200

FERRARO, José Luís. Toda a Biologia é queer: subjetivação e diversidade. *Locus: Revista de História*, v. 26, n. 1, p. 172-188, 2020.

FISHER, Mark. *Ghosts of My Life*. Writings on depression, hauntology and lost futures. Winchester – UK; Washington– EUA: Zero Books, 2014

FREUD, Sigmund. *O infamiliar [das Unheimliche]*: edição comemorativa bilíngue (1919-2019). Tradução de Romero Freitas, Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FOUCAULT, Michel. 1997, "What Is Critique?", en Sylvère Lotringer and Lysa Hochtroth (comps.), *The Politics of Truth*, Semiotext(e), Nueva York.

_____. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2001

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos V. p. 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004.

_____. *Segurança, território, população*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France (1979-1980)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; DE JESUS, Jaqueline Gomes. Heterocentrismo e Ciscentrismo: Crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. *Revista Universo Psi*, v. 1, n. 2, p. 33-51, 2020.

KARKAZIS, Katrina. *Fixing Sex: Intersex, Medical Authority, and Lived Experience*. Duke University Press, 2008.

KARSENTI, Bruno. Poder, assujeitamento, subjetivação. *Mnemosine*, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/52696>. Acessado em 05.01.2022

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do gênero. Trad. De Suzana Bórneo Funk. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). *Tendências e impasses: o feminino como critério de cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.206-242.

LOURO, Guacira Lopes *Gênero, sexualidade e educação* -Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Paula Sandrine. *O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

MÁXIMO, Marco Aurélio P. Prefácio in: MILANEZ, Nílton. Toda vez que minto constroem verdades - sobre corpos e poderes. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, v. 10, n. 1, 2007.

_____. Discriminação, silêncio, segredo: a violência escondida in: MONTE, Marcos Antônio (Org.) *Gênero, sexualidades e discriminação*, Rocha. - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. 126 p

MESSNER, M. *Power at play: sports and the problem of masculinity*. Boston: Beacon Press, 1992

NETO, João Leite JL Ferreira. A analítica da subjetivação em Michel Foucault. *Revista Polis e Psique*, v. 7, n. 3, p. 7-25, 2017.

NOWAKOWSKI, Alexandra CH; SUMERAU, J. E.; LAMPE, Nik M. *Transformations in queer, trans, and intersex health and aging*. Lexington Books, 2020

PAGAN, Alice A. Biologia para o autoconhecimento: algumas considerações autobiográficas. *XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências–XI ENPEC*. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 3, p. 1-9, 2017

PIRES, Barbara Gomes. *Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte*. Revista Estudos Feministas, v. 29, 2021

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In. ACHARD, P. et. al. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 2010.

RODRIGUES, Carla. *O luto entre clínica e política*. Autêntica Editora. Edição do Kindle. 2021.

SANTOS, L. H. dos. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura,*

brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SCRATON, Sheila. *Educación Física de las niñas: un enfoque feminista*. Madrid: Morata, 1992.

SILVA, Mikelly Gomes da. *O que dá humanidade ao corpo? Desdobramentos do sexo-gênero para o reconhecimento da intersexualidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas, Letras E Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte .2019.

SIQUEIRA SILVA, L. A. & PINHEIRO DE QUEIROZ SILVA, E. (2021). DIÁLOGOS ENTRE INTERSEXUALIDADE E O ENSINO DE BIOLOGIA. *Diversidade E Educação*, 9 (Especial), p. 576–599. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/de.v9iEspecial.12837>. Acessado em 15/03/2022

Sumerau, J. E. and Lain A. B. Mathers. 2019. *America Through Transgender Eyes*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

VIEIRA, Amiel M. Um reescrever de si: A intersexualidade no caminho do verdadeiro Eu In: CUNHA, Neon et al (Org.). *O Enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental*. Editora Dandara: Instituto AMMA Psique e Negritude, São Paulo, 2021.

_____ et al. Intersexualidade: Desafio de Gênero. *Revista Períodicus*. V.1. N.16. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/issue/view/2141>. Acessado:16/08/2022.

_____. Por uma Amanhecer Intersexo. Tem saída LGBT. Editora Zouk. Porto Alegre, 2020.

Filmografia

AS MELHORES coisas do mundo. Direção: Laís Bodanzky. Produção: Gullane. Distribuição: Warner Bros. São Paulo, 2010 (103 min).

Recebido em outubro de 2022.
Aprovado em abril de 2023